

**Resumo:** Após uma introdução, que parte da infância em ambiente rural e tradicional, o autor focaliza em Dom Afonso o diálogo com o mundo moderno, deslanchado com a sua participação nas quatro sessões do Concílio Vaticano II. Chama a atenção para a teologia do “esclarecimento”, respondendo à necessidade de traduzir em nova linguagem os dados eternos da Fé, e detém-se na apresentação das “facetas do pensamento de Dom Afonso”. Após uma avaliação de conjunto, chega à conclusão de que Dom Afonso foi entre nós um excepcional “dom de Deus”, continuando ainda a interpelar-nos com o seu lema episcopal: *Ide para a Vinha!*

**Abstract:** After an introduction starting with years of youth in rural and traditional area, the author focuses on Don Afonso and particularly on his dialogue with the modern world, reporting on his participation in four sessions of the II Vatican Council. The theological “explanation” answers the need to translate the permanent pillars of faith in a new language. Precisely at this point the author gives a great deal of thought about some aspects of the intellectual endeavor of Don Afonso. In the light of a comprehensive evaluation of his personality he arrives at the conclusion that Don Afonso was an outstanding “gift of God” and continues challenging us with his episcopal motto: “Go the my Vineyard”.

## O Pensamento Social de Dom Afonso Niehues

*Vilmar Adelino Vicente\**

---

\* O autor é Doutor em Serviço Social, pela UFSC, e professor da FACASC.





## Introdução

O pensamento social de D. Afonso Niehues ultrapassa suas origens conservadoras da bucólica e tradicional São Ludgero-SC, de onde saiu menino para o Seminário Menor de Azambuja (1927-1934) e daí para o Seminário Maior de São Leopoldo-RS, em 1935. O horizonte tradicional se alargou extraordinariamente com o Curso de Teologia em Roma (1935-1938) e a Licença em Teologia e em Direito Canônico (1939-1940), abrindo novas perspectivas eclesiais para a complexidade e universalidade da Igreja. Esse percurso seria coroado duas décadas após com o seu envolvimento no Concílio Vaticano II, culminando assim seu voo intelectual.

Retornando ao Brasil em 1940, seu ministério iniciou no recôndito Seminário de Azambuja e, a partir de 1943, como Reitor do Seminário de São Ludgero. Em 1947 retorna ao Seminário de Azambuja, onde permanece até sua nomeação episcopal como bispo coadjutor de Lages (1959). O percurso marcado fortemente pela causa vocacional também alargou seus horizontes para os desafios sociais do seu tempo, influenciado pela Ação Católica nas suas diversas matrizes. A cidade de Brusque, com sua indústria têxtil, revelava seus valores, mas também suas tensões operárias, plasmando o pensamento social do Reitor. A realidade serrana, seu primeiro campo episcopal, descortinou a pobreza e as dificuldades do povo serrano, os males do latifúndio e a mentalidade da elite agrária. O jovem Pastor se angustiava com tantos desafios: estradas muito difíceis; carências na educação e na saúde; pouca eletrificação; desemprego; ignorância religiosa e outros males (violência, prostituição etc). De outro lado, animavam-no a fé simples e a fortaleza dos cristãos moldados no processo de romanização, mas também marcados pelas espiritualidades do Contestado que resistiam nas expressões da religiosidade popular e do misticismo caboclo. Igualmente enchiam de entusiasmo sua alma de Pastor, os novos ares do Papa João XXIII e sua coragem persistente pelo *aggiornamento* da Igreja e as reflexões do Movimento por um Mundo Melhor. Finalmente, experimentou a grande explosão de alegria pelo anúncio da convocação do Concílio Vaticano II no dia 25 de janeiro de 1962. Certamente as sessões do Concílio Vaticano II, de 1962 a 1965, viriam consolidar o grande horizonte sócio-pastoral do jovem bispo.

Todo esse percurso biográfico, de 1914 a 1965, plasmaram a consciência social de D. Afonso Niehues, que não resistia às mudanças e inovações conciliares, mas as digeriu, assimilava e semeava prudentemente



no exercício do seu pastoreio. Enfim, nos seus primeiros cinquenta anos de vida foi possível alargar grandes perspectivas e, cautelosamente, ir sedimentando uma invejável consciência social, como veremos adiante. Seu lema “*Ite in vineam meam*” (Mt 20,1-16) parece que lhe exigia esta sintonia com a nova mentalidade da Igreja, dos seus padres, dos seminaristas e dos leigos e leigas. Ele mesmo dizia que o Concílio Ecumênico Vaticano II fora para ele uma verdadeira revolução conceitual que exigia novas posturas no campo teológico-ecclesial e no mundo social.

## Diálogo com o mundo moderno

O homem que fora forjado na matriz conceitual da metafísica clássica, agora era desafiado a dialogar com o mundo moderno e a compreender as diversas convulsões eclesiais e sociais! Foi a sua trajetória primeira, agora pontuada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, que permitiu a reinterpretção dos velhos princípios filosóficos e teológicos, reconceituando postulados morais e sociais para abrir as portas da Igreja ao mundo moderno. O mergulho na nova Teologia da Encarnação, nas diversas matrizes da modernidade, causou um enorme impacto positivo no jovem bispo que, ao final do Concílio, deixava a Diocese de Lages e assumia o Arcebispado de Florianópolis. Esse deslocamento não foi apenas físico-geográfico, mas, sobretudo, hermenêutico. Ele mesmo vai citar como exemplos desse deslocamento: o conceito de Igreja como Povo de Deus; a autoridade eclesial como espírito de serviço e não como expressão de poder jurídico-institucional e a relação intrínseca entre fé e vida, não somente em nível pessoal, mas também comunitário e estrutural. Ao final do Concílio, arremata: “Estou convicto de que todas essas modificações são positivas, desde que aplicadas corretamente”(1).

É admirável que esse deslocamento hermenêutico tivesse uma amplitude horizontal tão avançada: incorpora ainda os dados e reflexões de Medellín, dos Documentos da CNBB e chega até os desafios da Teologia da Libertação, culminando com a sua participação na Conferência do Episcopado Latino Americano, em Puebla de Los Angeles, em 1979. Ao final da Conferência de Puebla, afirma com convicção o Arcebispo, quase parafraseando João Paulo II, que “o objetivo da Teologia da Libertação, entendida sem exageros e exclusivismos, é prestar um excelente serviço ao povo, a começar pelos pobres, explorados e marginalizados”(2). Mais que isso, esse deslocamento hermenêutico, não se desenvolveu apenas no plano idealista da consciência crítica, mas marcou progressivamente



seu dinamismo pastoral “ad intra” e “ad extra”, para dentro da Igreja e para fora, influenciando suas pregações, suas decisões administrativas, seu empenho na formação dos presbíteros, sua política de ação social, seu relacionamento com a sociedade civil ( seja no plano político e econômico, como também no cultural, social e ideológico)

Essa transformação da consciência crítica foi ainda pautada por outros eventos eclesiais pós-conciliares: o Documento de Medellín (1968); a *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI (1975) e o Documento de Puebla (1979) que ele ajudou a gestar! Realmente foi um tempo eclesial feliz, repleto do Espírito e profundamente antenado com o clamor dos pobres. Esses eventos latino-americanos fizeram a consciência social do metropolitano aterrissar nos contornos ético-políticos e socioeconômicos do nosso continente. Finalmente, o advento da Teologia da Libertação contribuiu singelamente para consolidar sua opção preferencial pelos pobres.

Os frutos desse prisma conceitual de D. Afonso Niehues podem ser constatados no seu ministério, na Arquidiocese de Florianópolis, *como também em nível regional e nacional*. Podemos verificar suas posturas nas decisões administrativas; no enfoque da formação presbiteral; na política de Ação Social; na relação com as instituições da sociedade civil, nas suas homilias e conferências, nos posicionamentos éticos sobre economia e política, cultura e ideologia, valores e fundamentos da fé cristã. Pode-se verificar também suas influências no âmbito do Regional Sul IV e na sua participação na CNBB.

## Teologia do esclarecimento

Em suma, o pensamento e o relacionamento de Dom Afonso, no que diz respeito à sociedade civil, é mediatizado por uma teologia do esclarecimento, da passagem de uma Igreja fora do mundo, para uma Igreja interlocutora e, mais que isso, servidora e sujeito histórico deste processo e desta realidade secular em construção, iluminada pelos valores do Reino. A transformação que se processou em sua consciência (visão do homem, mundo e Igreja), o Arcebispo desejava que se processasse na consciência e na práxis de cada presbítero e diácono, leigo(a), religioso(a) de sua Arquidiocese. Por isso, sua insistência por uma teologia do esclarecimento, através da qual procurava fazer a hermenêutica das grandes transformações operadas na Igreja e na sociedade, nas décadas que a Providência lhe reservou como testemunha e agente histórico.



O Metropolita reconhecia “a impressionante mudança de mentalidade” gerada no período conciliar em relação ao mundo e à Igreja. E concluía: “Só o futuro se encarregará de confirmar eloquentemente nossas previsões e mostrar ao mundo uma Igreja rejuvenescida” (3). Pontuava ainda sua admiração pela Reforma Litúrgica, pela centralidade da *Dei Verbum* valorizando a Palavra de Deus; pelo Decreto Sobre a Liberdade Religiosa; pela riqueza profunda da *Lumen Gentium*; pelo Decreto sobre o novo perfil dos Bispos; pela nova concepção do laicato; pelos desafios da *Gaudium et Spes*: família, trabalho, política, ciência e cultura etc; pelo resgate do diaconato permanente.

A par do seu entusiasmo, a consciência social do Pastor não deixou de considerar os desafios e crises no processo de renovação eclesial: “Tivemos a graça de participar do Concílio Vaticano II, mas também fomos atingidos pelo pé de vento que soprou, levantou poeira, confundiu, causou perplexidades quando da aplicação prática das diretrizes gerais traçadas naquele histórico e universal conclave de Bispos. Acredito, porém, podermos afirmar que arribamos à praia são e salvos, e que já vamos navegando sobre ondas mais mansas!” (4).

Iluminado por uma Teologia do Esclarecimento, que consistia em interpretar a Teologia Conciliar e implantá-la na Arquidiocese, compreende agora o seu lema episcopal, não somente como um mote vocacional específico, mas como uma perspectiva renovadora para toda a sociedade civil e toda a missão da Igreja no desafio da evangelização!

O Arcebispo percebe com clareza que o anúncio da boa-nova do Reino acontecera no contexto da estrutura social da Palestina, com suas contradições e conflitos. Compreende a trama histórica que está por detrás dessa realidade que encobre a verdadeira imagem de Deus, oculta as relações de exploração, legitima o “modus vivendi”, impõe a ideologia da lei e o valor das obras. Está convencido de que a parábola vem negar essa lógica, pela qual a salvação não seria um dom gratuito de Deus, mas um mérito das obras humanas. Não, a centralidade do evangelho está no amor misericordioso do Pai, revelado no ajuste final quando o dia terminava, e aí se revela a graça, o dom do Pai, pela prática de uma nova justiça, que privilegiava os mais pobres e excluídos, os últimos, como expressão de misericórdia.

A partir do seu vasto horizonte conceitual, o Metropolita se posicionava de modo moderno e equilibrado, sintonizado com o pensamento da Igreja, como também aberto às moções do Espírito, que vinham das



mais diversas faces do mundo secular. Por isso, podemos constatar a riqueza de suas reflexões sobre:

### Facetas do pensamento de Dom Afonso

- A formação presbiteral e a situação dos seminários;
- A realidade catarinense a partir de suas visitas pastorais às mais diversas regiões de Lages, Caçador e Joaçaba;
- Os diversos documentos do Concílio Vaticano II;
- A caminhada da Igreja na América Latina, estimulada também pelos Documentos de Medellín e Puebla e as orientações da CNBB;
- A conjuntura brasileira em tempos de ditadura militar;
- O papel da Igreja nas questões sociais;
- O respeito incondicional aos Papas João XXIII, Paulo VI e João Paulo II, que pautaram sua vida episcopal. “Mais do que esse ou aquele teólogo, ou de uma Escola Teológica, foram os Papas e o Concílio Vaticano II, além de Medellín e Puebla, que inspiraram e orientaram o meu ministério presbiteral e episcopal”<sup>1</sup>.
- A opção preferencial pelos pobres;
- A necessária Reforma Agrária;
- O fenômeno das migrações internas;
- A questão da violência social;
- A urgente e necessária democratização do país e o significado de um presidente civil (1978);
- A justiça social como valor essencial nas encíclicas *Mater et Magistra*, *Pacem in Terris*, *Populorum Progressio* e *Laborem Exercens*.
- A condenação do atentado a João Paulo II em 1981;
- A defesa dos Grupos Bíblicos de Reflexão;
- A postura política da Igreja: “A Igreja não é apolítica. Ela sabe que um pretense apoliticismo significa, na prática, uma atitude

<sup>1</sup> VICENTE, Vilmar Adelino (Org.), “A vinha do Senhor”, IOESC, Florianópolis, 1990, p. 113.



- política de anuência tácita a uma determinada configuração do poder político, qualquer que ele seja”<sup>2</sup>.
- Os salários dos políticos em flagrante injustiça com os salários populares;
  - A política de desenvolvimento;
  - A postura dos bispos diante da situação política nacional;
  - O voto como questão de consciência cristã;
  - O caráter político: “Não basta ser capaz, se não for honesto. Não basta ser honesto, se não for capaz!”<sup>3</sup>.
  - Eleições não são guerras e rivalidades entre inimigos;
  - Crítica à censura governamental;
  - Os modelos políticos são provisórios;
  - A justiça social é um valor e não uma ideologia;
  - A Igreja não é subserviente ao governo;
  - As bênçãos em ambientes comerciais secularizados;
  - D. Pedro Casaldáliga não é comunista!
  - O Papa João Paulo II: “O Papa é ‘conservador’ enquanto fiel a Cristo e à Igreja; é ‘progressista’ quando se refere aos Direitos Humanos e à justiça social”<sup>4</sup>.
  - A Teologia da Libertação e seu significado;
  - D. Helder Câmara e seu profetismo;
  - Bispos comunistas não existem! É a maior insensatez!;
  - D. Paulo Evaristo Arns e a causa social;
  - A missão da Igreja: “A Igreja não cumpriria a sua missão se guardasse os tesouros da fé e os preceitos éticos para si, escondida na sacristia, ou extasiada ante o altar. Ela tem obrigação de sair a campo e motivar o homem para sua conversão e sua mudança de vida, afinando-a com o meridiano do Evangelho”<sup>5</sup>.
  - O papel dos Sínodos Eclesiais;
  - A relação dialética entre o religioso e o profano;

---

<sup>2</sup> Id., *ibid.*, p. 113.

<sup>3</sup> Id. *ibid.*, p. 130.

<sup>4</sup> Id., *ibid.*, p. 131.

<sup>5</sup> Id., *ibid.*, p. 132.



- O valor da ciência e da técnica;
- As enchentes em Santa Catarina;
- O casal verdadeiramente cristão;
- O celibato sacerdotal: “A existência do celibato dos padres não é de origem divina, mas é uma lei eclesiástica, disciplinar e pastoral! Caso vier a ser permitido, um dia, pela Santa Sé, a ordenação de homens casados, eu não terei dúvidas em me pôr de acordo!”<sup>6</sup>.
- A pílula anticoncepcional;
- O aborto e a defesa da vida;
- Ameaça de morte: “Já recebi telefonema anônimo ameaçando-me de morte. Não sei o motivo, nem desconfio de sua origem!”<sup>7</sup>.
- A juventude na sociedade atual;
- A maçonaria;
- A complexidade dos problemas sociais;
- A cultura urbana como desafio à evangelização;
- A morte em Santo Agostinho;
- A evangelização da humanidade na atualidade;
- Os desafios da educação;
- Evangelização e libertação: “Na Igreja, diversos acontecimentos marcaram sua trajetória neste ano: a prisão e o julgamento dos posseiros e padres franceses, agora felizmente em liberdade; lutas em prol dos direitos e dignidade da pessoa humana (índios, posseiros, problemas de terra e moradia, menores abandonados, trabalhadores sem emprego, boias frias e tantos outros) que merecem pronunciamentos e documentos por parte da Igreja no Brasil. Esse posicionamento faz com que vozes se levantem contra ela e a contestem, alegando que esse não é o seu campo específico, esquecendo-se, porém, de que toda estrutura societária deve estar a serviço do homem e em vista do homem, e não no interesse de grupos privilegiados. É o que

<sup>6</sup> Id., *ibid.*, p. 132.

<sup>7</sup> Id., *ibid.*, p. 133.





assevera Paulo VI: ‘Nada disso é estranho à Evangelização. A Igreja tem o dever de anunciar a libertação’.<sup>8</sup>

- A relação da Igreja com o governo;
- A prisão de dois sacerdotes: “É lamentável que dois sacerdotes... devam passar o Natal atrás das grades, quando nem sequer estão provados os seus delitos, enquanto um criminoso da espécie de um Doca Street foi contemplado com a liberdade no aguardo de novo julgamento. Esta é uma justiça arbitrária que provoca indignação e merece repulsa. Qualquer pessoa do povo, ao tomar conhecimento dessa discriminação, só pode revoltar-se!”<sup>9</sup>.
- A questão fundiária: “A Igreja em Santa Catarina assume todas as recomendações da CNBB quanto à questão do uso e da posse da terra... sobretudo a mudança urgente do modelo concentrador de terra e responsável pelo êxodo rural... baixos salários... alto custo dos gêneros alimentícios. Santa Catarina é o quinto Estado na produção de alimentos, mas a maioria dos catarinenses... não tem acesso ao consumo dos mesmos”. É preciso uma tomada de posição frente às extensas áreas destinadas ao plantio do fumo, soja, e destinadas ao reflorestamento indiscriminado, substituindo a polivalente agricultura de subsistência. E conclui: “Sou a favor de uma Reforma Agrária ampla, mas diversificada segundo as regiões de nosso país”<sup>10</sup>.
- O drama dos favelados;
- A consciência social cristã: “Passo positivo... é o fato de que nos últimos anos vem se explicando cada vez mais a dimensão social da consciência cristã. A fé não pode ser reduzida a uma teoria, simples conforto interno, mas repercute na organização da convivência humana, não pela imposição, mas pela proposição de novas estruturas para a sociedade humana. Não se trata de simples caridade ou promoção mas de decidido empenho de transformação, pois o verdadeiro amor ao próximo é inseparável da justiça. E não se pode construir um castelo de fraternidade sobre alicerces de injustiça”<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> Id., *ibid.*, p. 135.

<sup>9</sup> Id., *ibid.*, p. 136.

<sup>10</sup> Id., *ibid.*, p. 136.

<sup>11</sup> Id., *ibid.*, p. 136.



- A questão da paz no mundo e no Brasil;
- Capitalismo, comunismo e doutrina da segurança nacional;
- Paulo VI e a renovação da Igreja: “Paulo VI foi sem dúvida o Papa dos tempos novos, dos tempos talvez mais difíceis para a Igreja do século XX. Um período de muita crítica e contestação. Mas cumpria a Paulo VI a missão de levar a bom termo o Concílio, e aplicar, com pulso firme, os seus ensinamentos e interpretar o seu espírito. Sua figura mereceu, até certo ponto, a mesma sorte que coube a Jesus Cristo, isto é, de ser um sinal de contradição. Para uns era conservador, para outros avançado. É o destino dos que tem que anunciar verdades eternas por entre novidades da história e o vaivém do tempo; dos que têm que ser fiéis a Deus sem deixar de ser fiéis aos homens; dos que têm que abrir novos horizontes e fechar portas a excessos e liberdades mal atendidas”<sup>12</sup>.
- A Igreja e a transformação da humanidade;
- A Igreja e a crise econômica – 1983;
- A questão indígena;
- Trabalho e justiça social;
- O problema das políticas salariais – 1979;
- Os Direitos Humanos no Brasil;
- A sexualidade: “É um absurdo alguém pensar que a Igreja não aceita, nem valoriza o sexo. A Igreja condena os abusos do sexo e a libertinagem desenfreada, que aviltam o caráter e desfibram a raça”. E acrescenta: “A pornografia jamais deixou de ser combatida pela Igreja, de modo mais ou menos intenso. Bastaria lembrar ultimamente as gestões da CNBB junto à direção da TV Globo, além do abaixo assinado de mais de 100 mil assinaturas entregues em mãos ao Presidente da República. De qualquer modo, mais do que um combate direto à pornografia, a Igreja considera mais eficiente um trabalho de educação das consciências”<sup>13</sup>.
- A missão da universidade;
- O papel dos meios de comunicação social;

<sup>12</sup> Id., *ibid.*, p. 137.

<sup>13</sup> Id., *ibid.*, p. 139.



Como se pode constatar, a “agenda social” do ministério episcopal de D. Afonso Niehues é fecunda e longa. Comportaria uma tese universitária analisá-la e sistematizá-la confrontando com os grandes paradigmas de pensamento ao longo de sua biografia.

Não se pense, porém, que o Arcebispo descurou dos aspectos estritamente teológicos, bíblicos e dogmáticos, morais e sacramentais, pastorais e evangelizadores. Isto seria uma agenda tão imensa quanto a social.

Aos interessados, temos à disposição os Arquivos da Mitra Metropolitana de Florianópolis, com rico material para pesquisa e análise do ministério de D. Afonso Niehues.

Não se pense também que D. Afonso foi apenas um homem do discurso e do relacionamento pastoral afável e diplomático! Não, uma série de iniciativas brotaram de sua gestão pastoral, organizada e eficiente, afinada com as questões sociais bem como com os apelos da Igreja e dos pobres:

- A implantação do Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC), com o apoio dos bispos do Regional, para a formação dos teólogos e futuros padres;
- A criação do Seminário Filosófico de Santa Catarina (SEFISC), para a formação filosófica dos seminaristas;
- A institucionalização da Fundação Dom Jaime de Barros Câmara como mantenedora do ITESC e SEFISC;
- A instalação do Regional Sul IV da CNBB, incorporando as dioceses catarinenses até então vinculadas ao Sul III do Rio Grande do Sul;
- A criação da Escola Diaconal São Francisco de Assis, que formou centenas de diáconos permanentes para diversas dioceses;
- A participação ativa e direta nas ações da CNBB onde ocupou cargos e funções;
- A criação da ARMOJ (Assessoria Religiosa aos Movimentos de Juventude da Arquidiocese) com irradiação a todas as regiões da Arquidiocese;
- A liberação do Pe. José Edgard de Oliveira para a ARMOJ e o Movimento de Escoteiros e Bandeirantes;



- A formação de um padre em curso de pós-graduação no Ibrades para assessoria à Pastoral Pesqueira, que abrange mais de 25.000 pescadores no litoral catarinense;
- O envio do Pe. Osmar Müller para colaborar com a Igreja da Nicarágua, logo após a Revolução Sandinista;
- O apoio e acompanhamento ao Pe. Ney Brasil Pereira na Pastoral Carcerária em Santa Catarina;
- A realização do 1º Seminário Socioeconômico da Arquidiocese em convênio com a UFSC (1996);
- A implantação da Pastoral Universitária de modo orgânico e sistemático;
- A implantação da ASA (Ação Social Arquidiocesana) com apoio técnico da Faculdade de Serviço Social de Santa Catarina e da Cáritas Internacional;
- O apoio à instalação da Ação Social Paroquial em diversas paróquias;
- A irradiação de novas paróquias nas periferias urbanas;
- A formação de presbíteros em cursos de pós-graduação na Europa;
- O apoio incondicional à Pastoral da Saúde e à Pastoral Educacional;
- A liberação do Pe. Vilson Groh para os trabalhos sociais e pastorais nas periferias urbanas em Florianópolis;
- O convênio “Igrejas Irmãs” com a Diocese da Barra na Bahia;
- A valorização das pastorais das crianças e adolescentes;
- A criação do Instituto da Família;
- O apoio à formação e evangelização dos leigos e leigas através dos movimentos.

## Avaliando

Como se vê, o espectro do pensamento social do Arcebispo D. Afonso Niehues é muito amplo e profundo, seja na perspectiva teórica ou seja na praxiológica. Certamente haveria reflexões e posicionamentos que D. Afonso Niehues gostaria de expor e levou consigo no segredo da morte. Com certeza, gostaria de concretizar muitos projetos, que fica-



ram na utopia, por carência de recursos, ou porque os contemporâneos não estavam à altura do sonho! Para o Metropolita, nada deveria ser realizado sozinho, sem a cumplicidade dos seus presbíteros, diáconos e leigos (as).

O que importa é que a perspectiva da parábola da vinha (Mateus 20,1-16) foi a bússola orientadora e inspiradora de toda a sua vida presbiteral e episcopal, conforme se vislumbra em muitas de suas falas. O Arcebispo capta a perspicácia de Jesus ao revelar sua novidade: novidade da graça que se manifesta numa prática dialética da justiça, para além dos cálculos utilitaristas e dos privilégios de classe e dos interesses dos eleitos; novidade da graça que se revelou em misericórdia com os mais abandonados e fê-los sujeitos privilegiados da grande notícia; a novidade de um Deus que age dentro da história das relações de trabalho dos homens, na clássica tensão urbano-rural; novidade do Filho de Deus que vem demonstrar que a prática da misericórdia e de uma nova justiça constitui a verdadeira realidade do amor. A novidade de que a salvação é a graça de Deus que transcende a práxis humana, mas conta com ela na construção do Reino de justiça e misericórdia. Não uma justiça humana, mecanicista, legalista, produtivista, do gênero ‘a cada um segundo a sua produtividade, eficiência e horas de trabalho’, mas uma justiça misericordiosa, do tipo ‘de cada um segundo as suas capacidades e a cada um segundo as suas necessidades’. Não uma misericórdia filha da indignação ética e de ações paliativas assistenciais distributivistas, mas uma verdadeira expressão da justa misericórdia do Pai que promove o homem e fá-lo participe da graça salvífica, que liberta o homem todo e todos os homens.

É nessa ótica que o Pastor sempre se dirigiu à sociedade civil, em seu sentido mais amplo, e expressou seu pensamento, anunciando sua mensagem aos setores mais diversificados do mundo social, político, econômico e cultural. Não há setor da sociedade que não tenha merecido do Arcebispo uma palavra de atenção e orientação, sempre prudente, corajosa e oportuna. Basta analisar com cuidado a parte reservada aos “Fragmentos do Discurso do Pastor da Vinha” (5). É que o Arcebispo sempre esteve absolutamente convencido de que a VINHA é também a Sociedade Civil! Uma Vinha por demais complexa, é certo, mas apaixonante e desafiadora, que lhe consumiu as maiores energias, ocupou os melhores dias e exigiu as mais expressivas realizações e recursos. Uma Vinha que é a Igreja e também a Sociedade como realidades antecipadoras do Reino definitivo, que exigiu, nos 25 anos como Arcebispo, um olhar



vigilante e cuidadoso do Pastor em detectar problemas e potencialidades, e em buscar diuturnamente soluções e alternativas para que os valores do Evangelho firmassem o seu primado. Foi na visão das dimensões da Vinha que dedicou toda a sua vida à formação de lideranças para a Igreja (presbíteros, diáconos e ministros) e para a Sociedade (leigos competentes e capazes de assumir os desafios do mundo segundo os imperativos axiológicos da Vinha). Enfim, para Dom Afonso, a Vinha foi e sempre será um sinal e um paradigma de vocação, graça, santidade, que abrange o homem todo e todos os homens, no desafio da história, em vista do Reino definitivo. A Vinha é a Igreja e a Sociedade, em contínua tensão, e em busca do discernimento da autêntica justiça e misericórdia, iluminando as relações sociais dos homens, construindo o Reino de Deus com sabedoria e graça.

Por tudo isso, Dom Afonso foi entre nós um dom de Deus, que está sempre a nos interpelar, qualquer que seja o campo da atividade humana, pois a Vinha é também a Sociedade Civil.

## Conclusão

Concluo, finalmente, com a declaração do próprio Dom Afonso em sua última entrevista como Arcebispo Metropolitano: “Após 25 anos de atividades nesta Arquidiocese, fico recordando com saudades o tempo que passou. Alegro-me com os passos construtivos que puderam ser dados. Lamento as omissões e falhas que se registraram, e agradeço à legião de pessoas que, com tanta boa vontade, ajudaram a edificar a Casa do Senhor durante esses 25 anos. Deus nos deu a graça de conviver em paz com as autoridades e o povo, em união com os presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas e com os outros agentes de pastoral. Louvemos o Senhor pela colegialidade que sempre reinou entre nós, Bispos de Santa Catarina, pelo bom entendimento havido com Pastores de outras denominações cristãs. Uma Diocese deve ser uma grande família de Deus. A batalha por uma causa tão nobre e alta como é a batalha por um mundo melhor e pelo crescimento do reino de Deus, merece a soma das luzes e energias de todos, e será o atestado da grandeza de espírito que deve caracterizar o homem e a mulher, criados à imagem e semelhança de Deus!”. (6)<sup>14</sup>

<sup>14</sup> As referências, numeradas de 1 a 6, e outras afirmações do Metropolita, estão colecionadas no volume celebrativo já citado: VICENTE, Vilmar Adelino (Org.), “*A vinha do Senhor*”, IOESC, 1990, Florianópolis, SC



Que Dom Afonso Niehues, neste centenário do seu nascimento, lá da mansão celeste, abençoe-nos e interceda por nós em nossa caminhada eclesial, provocando-nos a ter um pouco da sua consciência social, da sua paixão evangelizadora e da sua ousadia em “inventar” iniciativas criativas em favor do Evangelho!

*Endereço do Autor:*

Rua Madre Benvenuta, 3222, apt. 1218

Santa Mônica

88036-500 Florianópolis, SC

E-mail: vilfloripa@bol.com.br